

# EDIFÍCIO DE HABITAÇÃO UNIFAMILIAR CASA LUGAR DO PAÇÔ (João Álvaro Rocha)

NUNO LACERDA LOPES

## Da transmissão do fogo.

A exploração de um lugar, o conhecimento de um terreno, os seus declives, restrições, movimentos, vistas e abrangências são, quantas vezes, o motivo, o ponto de partida para o desenho, para a conceção de uma obra, expressão de uma ideia de arquitetura.

Outras vezes, e talvez para outros arquitetos, o lugar, a paisagem e o contexto pouco importam para a arquitetura resultante. O conceito, a geometria, o alinhamento com certas práticas ou formas prévias, são soluções que se impõem livres e independentes do lugar, seja esse físico, cultural ou tecnológico.

João Álvaro Rocha (1959-2014) foi um arquiteto cuja obra se encontra seguramente entre os primeiros. Toda a sua arquitetura é resultado de uma interpretação, de um conhecimento, de uma descoberta que a justifica e a torna singular, diferente e distinta e, nessa diversidade onde se fundamenta, se encontra toda a sua unidade.

Esta casa que sensivelmente pousa sobre um acidente topográfico, uma hesitação do declive, é um justo exemplo do que diz. Por isso a sua arquitetura se constrói sobre a paisagem com identidade, marcando e acentuando a exceção, a diferença, sem a provocar. É uma arquitetura para se ver e, sobretudo, para se viver.

Há obras que se constroem, com o sítio, outras no sítio e, muitas, apesar do sítio. E os sítios são cada vez mais outras coisas, desejos, intenções, subjectividades, pensamentos que estão muito para além do lugar.

Esta obra que aqui apresentamos é claramente feita no sítio, num jogo sábio entre os limites do lugar e os limites da sua presença. Por isso a linearidade da proposta, a aparente simplicidade da solução, longitudinal e contínua sem que se perca a sua presença ou que a paisagem a absorva e anule.

Por isso os materiais, o betão e a madeira (talvez pouco tradicionais dirão alguns) onde se pretende a madeira somente no interior e no exterior apenas o “estrangeiro”.  
Numa conversa antiga João Álvaro Rocha disse-nos:

“Eu não acredito em rupturas, e, se não há ruptura, significa automaticamente, por oposição, que se é conservador. Mas conservador não no sentido directo da palavra: o tipo que quer preservar os valores da tradição, não se pode tocar, nada disso. Eu entendo a questão do conservar no sentido de dar continuidade. Existem tradições, existem modos de vida, existe cultura.

*(Conversas com architectos 02.  
João Álvaro Rocha. Edições CIAMH)*

A tudo isto João Álvaro Rocha foi superior e a casa foi projetada e construída contra uma ideia de tradição, “aquela que venera as cinzas”, que se fixa numa ideia hegemónica de processo “escola”, de uma ideia de arquitetura que se fixa em formas, jeitos, semelhanças, ideais de manutenção, modos de fazer, ou seja, sem aquele desejo de fogo renovador.

Melhor disse Gustav Mahler (1860-1911): «a **tradição** é a transmissão do fogo e não a veneração das cinzas» e assim construiu João Álvaro Rocha esta obra.

N. Lacerda Lopes, “Edifício de Habitação Unifamiliar – *Casa Lugar do Paçô* – João Álvaro Rocha”, Frente e Verso, Ed. CIAMH, Porto, 2012, ISSN 2182-8237.